

Palestra do Guia Pathwork® n° 033

Palestra Não Editada

11 de julho de 1958

O TRABALHO COM O EU; A FÉ CERTA E ERRADA.

Saudações em nome do Senhor. Trago bênçãos para todos vocês, abençoada seja esta hora. Há muitas pessoas boas, amáveis e até espiritualizadas que dizem, ao ouvir estas palestras, que não é bom pensar muito sobre o eu, que seria melhor pensar mais nos outros. Elas dizem que a preocupação com o eu leva ao egoísmo. É claro, depende totalmente de como se dá a preocupação com o eu – ou de que maneira se pensa nos outros. Se vocês pensarem em si mesmos de maneira destrutiva, com autopiedade, reclamando de sua fé e remoendo improdutivamente as coisas que vocês perderam na vida, coisas que não podem mais fazer ou sobre as quais não têm controle e, portanto que não podem mudar, é claro que se trata da maneira errada de pensarem em si mesmos. Quem for dado a essa espécie de preocupação com o eu deve não apenas aceitar o conselho de deslocar a ênfase do eu para os outros, mas também aprender a dar outra direção à preocupação com o eu, tornando-a produtiva. Mas para aqueles que ainda não conseguem fazer isso, é infinitamente mais saudável pensar nos outros os ajudando, abrindo mão de parte do egoísmo e sacrificando algo para ajudar aqueles que podem precisar. No entanto, aqueles que já estão prontos para o tipo certo de preocupação com o eu também devem praticar sempre a maneira certa de pensar nos outros. Uma coisa não exclui a outra. Quando fazem algo útil e esquecem suas inquietações e dificuldades, estão fazendo algo que realmente vale a pena – para os outros e também para vocês. Por outro lado, a preocupação com os outros também pode ser exercida da maneira errada, e infelizmente, isso acontece muito! Se pensarem constantemente nos assuntos dos outros, criticando-os, julgando-os, isso certamente não contribui para torná-los menos egoístas. O simples fato de pensar nos outros e não em si mesmos não é garantia de que estejam agindo espiritualmente, assim como o simples fato de pensarem em si mesmos (da maneira correta) não é prova de egoísmo. Tudo depende da maneira como isso é feito. Nos dois extremos errados, muitas vezes as pessoas enganam a si mesmas. Se pensam nos outros destrutivamente, julgando-os, procuram acreditar que isso é bom, com base na afirmação que um dia ouviram de que preocupar-se com o eu é prejudicial. Elas usam essa verdade da maneira errada, para racionalizar reações erradas. Por outro lado, o tipo improdutivo e debilitante de preocupação com o eu muitas vezes é oculto por esta máscara: “Preciso me conhecer. Preciso analisar meus sentimentos”. Mas isso é o que elas nunca fazem. Portanto, cuidado com a maneira como pensam em si mesmos e nos outros. Examinem-se também a esse respeito, meus queridos amigos.

Existe também outra possibilidade. Uma pessoa altamente desenvolvida do ponto de vista espiritual pode se esforçar ao máximo para pensar nos outros e se sacrificar por eles, ajudá-los da melhor forma possível e, assim, fazer muito bem. No entanto, de uma pessoa assim é esperado ainda mais, porque seu desenvolvimento espiritual justifica. E isso é a purificação das motivações, o profundo autoconhecimento que é um requisito indispensável do desenvolvimento espiritual. Uma pessoa dessas pode negligenciar parte de sua tarefa e fugir à questão, na medida em que dá forte ênfase à ajuda aos outros. Torno a repetir, essa ajuda aos outros não precisa e não pode ser prejudicada

Eva Broch Pierrakos

© 1999 The Pathwork® Foundation (An Unedited Lecture)

simplesmente porque vocês se conhecem melhor – muito pelo contrário. Procurem descobrir se vocês – alguns de vocês – não pertencem a essa categoria.

Todos que ouvem ou lêem estas palavras, meus amigos, estão prontos para o tipo certo de autoanálise, que jamais implica em deixar de serem prestativos. Vocês já podem praticar os atos certos e até ter os pensamentos certos em muitos aspectos, mas à medida que o desenvolvimento avança, isso não é suficiente, como bem sabem. É necessário que suas emoções sejam puras e sem maldade. E para conseguir esse objetivo, é indispensável que tratem de investigar e testar a si mesmos, de fazer uma rigorosa crítica de si mesmos e análise de seus feitos, pensamentos e emoções com respeito à verdade e à lei espirituais. Pois aquele que não conhece a si mesmo não pode conhecer os outros; aquele que não entende a si mesmo não pode entender os outros; e aquele que não ama a si mesmo não pode amar os outros. Mais uma vez pode-se fazer uma objeção: “amar a si mesmo é egoísmo”. Mais uma vez eu digo que isso é verdade se o amor a si mesmo for exercido da maneira errada. O pequeno eu, que é complacente consigo mesmo para fugir da dor necessária da vida, com toda sua responsabilidade, é que não deve ser amado, que deve ser tratado por vocês com severidade. Mas se não tiverem respeito saudável por si mesmos e não amarem o seu ser maior, o ser divino que são, jamais poderão realmente amar os outros. O respeito e amor por si mesmos, da maneira certa, só podem existir se fizerem tudo que, como espíritos, planejaram realizar nesta terra no seu desenvolvimento espiritual. Se isso for negligenciado, por mais que o encubram com subterfúgios e ilusões, no fundo do subconsciente sabem que não estão se desenvolvendo como deveriam, que não estão respeitando uma série de leis espirituais no tocante a suas emoções, se não em pensamentos e fatos, que estão, de alguma forma, fugindo de si mesmos. Tudo isso leva ao desprezo por si mesmos, que é a verdadeira causa dos complexos de inferioridade, por mais que eles sejam racionalizados. Portanto, vocês só podem respeitar a si mesmos se fizerem o máximo do ponto de vista espiritual – no auto-desenvolvimento, no sacrifício pelos outros. E somente quando esse legítimo respeito por si mesmo estiver presente é que poderão efetivamente respeitar os outros. Portanto, meus amigos, vejam como também aqui o círculo precisa ser fechado. Quanto mais exercerem o tipo certo de preocupação consigo mesmos, tanto mais altruístas se tornarão, e portanto mais serão capazes de ajudar os outros e fazer-lhes o bem. Pensem criticamente sobre si mesmos e sejam compassivos com os outros. Mas quantas pessoas, mesmo aquelas que sob outros aspectos são espiritualizadas, fazem exatamente o oposto! Elas ignoram muitas de suas falhas, de suas tendências doentias, até aquelas que são muito perceptíveis para todos os outros. Mas elas estão sempre prontas a condenar os outros, às vezes não em palavras, mas muitas vezes através de suas emoções e pensamentos.

É muito importante que todos, meus amigos, aprendam a aceitar as deficiências dos outros, assim como precisam aprender a aceitar as suas próprias deficiências. Também aqui o fundamental é a maneira certa. Já falei muito sobre esse tema, portanto não vou falar outra vez como é preciso aceitar adequadamente os próprios defeitos. Não significa nem o desespero e o desânimo, que fazem mal ao eu, quando descobrem que são mais imperfeitos do que pensavam, nem significa querer continuar como são. Sempre, sempre, vocês vão encontrar dois extremos totalmente errados e o caminho do meio, o único e mais difícil, com referência a todas as tendências humanas. Portanto, talvez cheguem a entender melhor que nada em si mesmo é bom ou mau, certo ou errado – trata-se sempre do como. O caminho certo do meio entre os dois extremos errados determina se estão no rumo certo ou não. Portanto, é somente quando aceitam a si mesmos da maneira adequada que são capazes de aceitar os outros como eles são e viver de acordo com essa lei espiritual que exige que se esforcem quando isso pode surtir efeito – e somente podem fazer isso. Vocês só têm o poder de mudar a si mesmos. Vocês nunca, nunca podem mudar outra pessoa, portanto seus esforços nesse sen-

tido seriam inúteis. Sim, vocês podem ajudar a influenciar outra pessoa desde que ela, por sua vez, decida mudar a si mesma. Tal influência somente pode ser efetivamente produtiva se derem o exemplo. Enquanto os defeitos de outra pessoa provocam qualquer tipo de desarmonia em vocês, isso significa que no fundo vocês não gostam delas como são; querem transformá-las em seres diferentes e se ressentem ainda mais quando não conseguem. Essa reação interna significa a violação de uma lei espiritual. E esta deve ser a melhor indicação do ponto em que estão em termos de aceitarem a si mesmos como são, com toda humildade. Quanto mais serenos ficarem diante dos defeitos dos outros, tanto mais terão aceitado a si mesmos como são e, portanto, têm uma base saudável na alma, por mais imperfeições que ainda restem. Mas quanto mais lutam internamente contra os outros como eles são no presente, tanto mais não estão de fato aceitando a si mesmos. Pensem nisso também, queridos amigos!

Vocês precisam aprender a aceitar as pessoas como elas são, a tolerar defeitos que talvez vocês não tenham. Muitas vezes, no entanto, vocês vão ainda mais longe. Condenam no outro principalmente os defeitos que vocês mesmos apresentam. Vocês não têm consciência disso, é claro, mas é assim. É somente quando se conhecem completamente, por exemplo, que aceitam melhor, entendem melhor, amam melhor os outros. Para serem tolerantes não precisam ser cegos. Acontece muitas vezes que uma pessoa basicamente intolerante não quer ver o defeito do outro se existir um grande amor ou identificação. Nesse caso, a pessoa não quer ver os defeitos do outro porque, no fundo, tem medo de, ao admiti-los, não conseguir continuar amando o outro. Isso, é claro, não passa de intolerância. Se puderem aceitar o ser amado como ele é, não precisam fechar os olhos para seus defeitos. Além dessa reação em si mesmo errada, a pessoa fica convencida de que é extremamente tolerante porque nunca vê defeitos nos seres que ama – mais uma das máscaras que o homem tantas vezes veste. A verdadeira tolerância, a verdadeira aceitação estão presentes nas pessoas que enxergam claramente os defeitos do outro, porque não têm medo de amá-las e respeitá-las menos por causa disso. Com uma atitude dessas, vocês não apenas ajudam aqueles que os rodeiam, mas também a si mesmos. Meus queridos amigos peço que todos pensem cuidadosamente nesse assunto. Na sua próxima meditação, perguntem a si mesmos se não são críticos demais em relação aos outros, se de fato os condenam, mesmo quando conscientemente acham que não. Mas as suas reações emocionais aos outros podem indicar isso. Testem a si mesmos a esse respeito. Perguntem a si mesmos, também, se não estão cegos em relação a alguns dos seus próprios erros, enquanto se ocupam em combater os erros dos outros. Posso assegurar que se fizerem o que estou dizendo e reagirem da maneira certa com referência às suas conclusões, essa mudança de atitude vai lhes trazer uma nova e grande paz. O que tira a paz e a harmonia interior não é o que os outros fazem, mas é sempre e unicamente as suas atitudes erradas e a sua luta interior contra situações que não podem mudar e, além do mais, que não lhes cabe mudar. O que cabe a vocês é mudarem a si mesmos. E uma vez isso feito, estarão livres e vão sentir uma nova independência em relação ao comportamento e às reações dos outros, que em última análise jamais lhes causarão prejuízo algum.

Agora eu gostaria de falar sobre duas facetas da fé. Primeiro, há muitas pessoas que são sinceras nas suas tentativas de desenvolvimento espiritual. No entanto, a fé delas não é completa. Existe sempre uma dúvida oculta: “Isso é realmente verdade? Não é imaginação? Não estou me iludindo?” Gostaria de falar sobre o que fazer com essa tendência, meus amigos. Muitos de vocês se encontram nessa situação. Em primeiro lugar, não é aconselhável empurrar essa dúvida para baixo do tapete. Vocês fazem isso, muitas vezes em boa fé. Uma parte de vocês não quer ter essas dúvidas. De alguma forma vocês acham que, escondendo as dúvidas, elas vão desaparecer. Mas como sabem, não há meios de lidar com sucesso com nada que é empurrado para o subconsciente. Vocês têm medo de

deixar as dúvidas virem à superfície porque supõem que isso poderia alterar o seu rumo; talvez então não prosseguissem na empreitada espiritual. Mas não precisa ser assim. Se entenderem claramente que a sua parte que duvida não é a sua personalidade total e que, apesar de ela existir, existe também outra parte em vocês que crê, não terão medo de que a consciência das dúvidas possa levá-los a desistir dos esforços espirituais. Em todos os aspectos, a alma humana é repleta de correntes contraditórias. Quanto mais cedo entenderem isso e não se desesperarem quando se depararem com a parte negativa, essa parte que não querem admitir, melhor será. O problema decorre da sua noção equivocada de que ou uma das tendências é a verdadeira, ou é a outra. Ambas existem na sua alma, e lutam entre si. Tal luta jamais pode chegar a um resultado positivo enquanto não tiverem a coragem de reconhecer o lado que não querem assumir. Será mais fácil fazer isso, como eu disse, se entenderem em princípio que podem e são formados ao mesmo tempo por dois lados contraditórios com relação a uma questão. Quer isso diga respeito à fé em contraposição a dúvida, ou a qualquer outro problema de caráter, não faz diferença. Uma vez que admitirem a sua parte que duvida, meu conselho para lidar com isso é saber que também é uma graça de Deus quando esse conhecimento completo – e nem digo fé – e a experiência da existência de Deus são dados a uma pessoa. Procurem desenvolver a humildade com relação a essa falta de fé completa. Digam a si mesmos: “Eu ainda não mereci essa graça. Não posso julgar se a mereço ou não. Preciso encontrar o caminho através da minha meia fé; a parte do meu ser que tem boa vontade quer que eu me desenvolva e me transforme numa pessoa melhor e emocionalmente mais madura, para poder lidar melhor com a vida e amar e ajudar os outros com mais eficácia. Nesse sentido, vou esperar com paciência e humildade até que me seja dada a graça de Deus.” Se cultivarem esses pensamentos e sentimentos e se continuarem a lutar com o eu inferior que sempre quer obscurecer o caminho e obstruir a sua trajetória, um dia, posso assegurar, vocês terão essa fé completa. Porque terão experimentado Deus de tal forma que estarão totalmente convencidos. Mas assim como a experiência e a graça de outras pessoas não podem ser convincentes, por mais que elas se empenhem em lhes transmitir, o mesmo acontecerá quando vivenciarem a verdade e a existência de Deus na sua vida. Vocês não conseguirão transmitir isso a outras pessoas que ainda estão se esforçando para obter essa graça divina: a fé completa. Cada pessoa precisa conquistar, por esforço próprio, essa grande experiência e mudança no desenvolvimento da alma.

Outra faceta da fé é esta: há pessoas que têm fé completa, tão completa quanto possível para ela. Pois toda impureza da alma também influencia de alguma forma a totalidade da fé. Mas em geral vocês não têm consciência disso. A fé perfeita significaria a inexistência de qualquer desarmonia na sua vida, a inexistência de qualquer medo em relação a qualquer coisa. Nenhum de vocês chegou tão longe. Mas há alguns cuja fé é mais forte que a de outros. No entanto, em muitas dessas pessoas existe um sentimento ou tendência indefiníveis de que elas são algo especial para Deus. São filhos prediletos do Senhor. Desfrutam de um relacionamento muito especial com o Pai. São de alguma forma únicos, e acham que podem possuir Deus para si. Trata-se de um sentimento prejudicial e também perigoso – perigoso porque contém muito orgulho e também porque é muito fácil a pessoa se enganar. A justificativa está sempre à mão: tudo isso é maravilhoso, é a expressão da devoção e espiritualidade daquela pessoa. Aqui temos um daqueles casos em que motivações boas e puras – o desejo de se aproximar de Deus, o amor pelo Criador – se misturam com motivações más e impuras – o orgulho espiritual e a separação em relação aos semelhantes. Como vocês não têm noção alguma, do ponto de vista racional, da existência de tais sentimentos referentes ao seu relacionamento com Deus, cabe a vocês se examinarem para verificarem até que ponto isso pode se aplicar a vocês. Se descobrirem tais sentimentos, mesmo que em pequeno grau, lembrem-se de que não são mais que nenhuma outra pessoa aos olhos de Deus. O sentimento de que são especiais para Deus pode

ser considerado uma etapa transitória do seu desenvolvimento. O anseio e o amor por Deus despertam antes de perderem o orgulho e a vontade do eu. E essas duas tendências opostas se combinam nesse estado temporário. Mas vocês precisam estar cientes dela e não devem acreditar, nem por um instante, que isso é certo e bom. Faz parte do processo de crescimento e precisa ser cuidadosamente peneirada e purificada por vocês. Convido aqueles a quem isso se aplicar a testarem esses sentimentos quando pensarem em Deus, quando sentirem Deus, quando se esforçarem no desejo de se aproximarem Dele, que é tudo como deve ser. Mas não existe em alguma parte esse sentimento oculto que jamais admitiram essa crença de que são mais próximos e mais caros a Deus do que os outros? A raiz desse sentimento pode existir até em pessoas cuja fé ainda não é real. Mas ele brotará mais forte – como o processo transitório mencionado anteriormente – quando a fé se tornar completa. Portanto, meus queridos, examinem a si mesmos também a esse respeito. E se concluírem que isso se aplica a vocês, pelo menos em um pequeno grau, comecem a trabalhar com muita concentração no seu relacionamento com seus semelhantes. Vão verificar muitas vezes que existe uma intolerância específica nas pessoas que se sentem amadas por Deus de maneira especial. É comum haver até uma espécie de arrogância em relação aos outros, talvez nem sempre no comportamento exterior, mas na atitude interior. Na meditação, procurem escolher uma pessoa que vocês não respeitam particularmente ou mesmo a pessoa de quem menos gostam entre todas as que conhecem, ou alguém que os irrite particularmente. Em seguida, pensem o quanto Deus também ama essa pessoa, assim como ama a vocês – mesmo que a outra pessoa seja menos desenvolvida do ponto de vista espiritual. Será um maravilhoso exercício, exatamente o remédio de que precisam, meus amigos.

Como eu digo, a alma humana é uma “máquina” muito complicada, se pudermos usar essa expressão. A purificação não reside no fato de simplesmente superarem seus defeitos. Isso não é tão fácil e exige muito tempo. Somente é possível depois que tiverem entendido bem muitas das tendências e reações que ainda desconhecem. Portanto, o objetivo imediato não pode ser a perfeição, embora este seja o objetivo final. Saibam do objetivo final, mas trabalhem primeiro para conquistar o objetivo imediato, que é conhecer e aceitar a si mesmos como são; não ter ilusões sobre o eu; adotar uma atitude saudável para com suas deficiências; aprender a viver de acordo com as regras da vida; não fugir das, às vezes, necessárias dificuldades, e assim por diante – em resumo, tudo o que estão aprendendo aqui. Somente depois que isso for conseguido é que, aos poucos, vão começar a alterar algumas das tendências erradas e a reagir de maneira diferente, mas somente então. Primeiro, purifiquem, esclareçam suas motivações. Separem as erradas das boas, presentes numa mesma ação ou reação! Esta é a tarefa de vocês neste momento. E se estiver faltando fé, não interrompam esse esforço. Pois vocês são pessoas boas, e como pessoas boas querem tornar-se melhores, mais íntegras, mais puras, mais amorosas para fazerem mais bem aos que as cercam. Portanto, mesmo que não consigam empreender esse árduo trabalho sempre em nome de Deus porque nem sempre têm certeza de que Ele existe, façam isso pelo amor dos outros, que essencialmente existe em vocês. Acontece muitas vezes que aqueles cuja fé ainda é pouca têm um amor maior por outros seres humanos do que aqueles cuja fé é forte e que acham, como foi dito, que desfrutam de uma posição especial aos olhos de Deus. Ambos são estados transitórios que, um dia, vão se compensar e se harmonizar na perfeição.

Se passarem por provações – o que sem dúvida ocorrerá – orem para que sua capacidade de raciocínio não fique muito paralisada. Pois é isso que normalmente acontece com as pessoas que se encontram em situação difícil. Mantenham este pensamento: “Paí, que eu possa ter uma visão clara, embora me encontre confuso, infeliz e atordoado neste momento. Ajuda-me a não esquecer o que já sei. Permita que eu veja a Tua verdade nesta situação, não como minha perspectiva muito limitada

me permite ver neste momento.” Observamos muitas vezes que quando vocês passam por uma provação, vêem as coisas totalmente distorcidas, convencidos de que a perspectiva negativa que têm é a única verdade – e esta é a razão do seu desespero. Nesses momentos, vocês até esquecem o que já sabem perfeitamente bem. Ficam tão paralisados pelas forças do mal que atraíram que não conseguem pensar e ver o que normalmente pensariam imediatamente e veriam muito claramente. Não lhes ocorre perguntar a Deus a verdade porque, até para isso, seus pensamentos estão por demais envolvidos na escuridão. Depois que sabem dessa escuridão, perguntam-se espantados como puderam ser tão cegos. Vocês podem poupar muitas dificuldades a si mesmos se voltarem imediatamente para Deus e perceberem esse fato que estou explicando. Combatam a cegueira temporária treinando os pensamentos e o subconsciente a terem bem presente este fato. Façam esse treinamento para poderem enfrentar as provações em melhores condições mentais.

E agora, meus amigos, vamos passar às perguntas.

PERGUNTA: Por que tão poucas pessoas recebem essas verdades espirituais e sabem comunicar-se com o mundo dos espíritos? Nós somos tão melhores que os outros que não sabem nada disso? Qual é o critério de escolha para ser guiado até algo assim?

RESPOSTA: A comunicação com o mundo dos espíritos de Deus é rara por ser extremamente complicada. Os perigos de não se manter neste caminho para conseguir a comunicação com as esferas divinas são grandes – depois de serem desenvolvidas as capacidades psíquicas. Muitos médiuns começam da maneira certa e mais tarde decaem por causa do orgulho ou de outros entraves interiores. Todas as boas qualidades na terra são raras. A má qualidade ou a mediocridade são mais comuns em tudo – e também nisso. O critério de quem está destinado a ser levado a tal comunicação, que naturalmente é uma graça de Deus, não pode ser explicado em poucas palavras. Eu poderia dizer que a grande maioria dos seres humanos ainda não está pronta para usar esses ensinamentos. Eles precisam aprender muitas outras coisas antes. Eles podem preencher sua vida de outras maneiras, estejam onde estiverem. Vão se deparar com situações nas quais a decisão, tomada com livre arbítrio, determina se eles cumpriram esta encarnação ou não, assim como vocês precisam fazer com o conhecimento que recebem. Mas o que é exigido é em outro nível. Por um lado, também há pessoas que são tão desenvolvidas que não precisam dessa ajuda – ou mesmo que não devem ter essa ajuda. Delas se espera que descubram as respostas dentro de si mesmas, por causa do seu maior desenvolvimento. Portanto, pessoas de maior desenvolvimento que vocês, bem como pessoas de menor desenvolvimento, podem encontrar aquilo de que precisam nesta vida em qualquer uma das religiões existentes. Elas podem encontrar a essência e construir com base na verdade que encontrarem em qualquer religião, deixando de lado os erros humanos. É uma decisão para cada pessoa. Quem ouve a si mesmo descobrirá intuitivamente aquilo de que precisa nesta vida, o que cultivar o que ressaltar no seu desenvolvimento. Quem luta pelo desenvolvimento espiritual acabará por entrar em contato com o mundo divino, quer isso aconteça por meio de mediunidade ou não. O objetivo da ordem divina dos espíritos de Deus é levar todos a um ponto em que tenham um contato pessoal, de uma forma ou de outra, não necessariamente através da mediunidade. Mas quando existe a necessidade do tipo de ajuda e instrução que podem ser dadas pelo mundo dos espíritos, é dada orientação para permitir à pessoa essa possibilidade. Quem é guiado para um grupo como este, é porque há uma boa razão que não deve ser ignorada. Aconteceu porque estava previsto, porque para vocês este é o melhor meio de desenvolver e preencher a vida. Não vou ao ponto de dizer que esta é a sua única chance, que se não a aproveitarem, estarão condenados. Mas vou dizer que quando ocorre essa orientação na vida, vocês não devem considerá-la levemente. Não creiam que é uma cois-

cidência, que simplesmente ouviram falar a respeito, que a encaram como fariam com qualquer outra coisa que os atraísse. Procurem ver que a coisa não se resume a isso. Vão um pouco mais fundo. Existe um bom motivo para estarem aqui. Por meio desta ajuda, vocês vão encontrar respostas em si mesmos e resolver problemas que, de outra forma, só resolveriam com dificuldades infinitamente maiores, se conseguissem. Não que este seja o único meio de resolver os problemas, como eu disse, mas se ignorarem esta ajuda, que é maior e mais direta do que muitas outras, é provável que fiquem ainda mais fechados para outros meios que poderiam levar vocês a uma saída. O meio que os espíritos do mundo de Deus mostram constitui uma possibilidade de lhes dar as ferramentas necessárias para vencer o eu inferior e se libertar das cadeias interiores, e nenhum outro meio mostra isso com tanta clareza. Portanto, o fato de terem sido trazidos até aqui não é necessariamente por vocês serem “escolhidos” e superiores aos outros, mas sim porque, para o seu desenvolvimento atual, este é o melhor caminho. Vocês também podem ter conquistado méritos em vidas anteriores que quiseram utilizar assim antes de encarnarem, em vez de usá-los de forma diferente.

PERGUNTA: As pessoas com dificuldades emocionais, ou até com personalidade dividida, nascem com isso – elas trazem as dificuldades com elas ou sempre as adquirem na vida atual?

RESPOSTA: Ah, não, não são adquiridas nesta vida. Sempre que existe um distúrbio realmente grave, ele não pode ser causado apenas nesta vida. O que é causado na mesma vida nunca pode ser muito forte e grave. A causa de um problema grave não está apenas na encarnação anterior, mas provavelmente em muitas. É uma reação em cadeia. Se uma alma evita sua tarefa, seu desenvolvimento, seu autoconhecimento, se foge de seus problemas e assim não cumpre em uma encarnação o que deveria cumprir, o problema necessariamente aumenta na encarnação seguinte. É por isso que eu sempre enfatizo com tanta veemência: o que vocês podem realizar agora representa muito esforço e dificuldades poupados mais tarde. Vocês nem têm ideia de quanto. Quando eu digo “poupados”, não estou me referindo a punição, condenação, nem nada melodramático ou drástico assim. Mas quanto mais tempo vocês fogem dos seus problemas e dificuldades interiores, tanto mais eles ficam deformados. E na próxima encarnação vocês trazem esse problema com vocês. Pois bem, quando uma alma fica muito tempo evitando o problema, finalmente chega uma encarnação em que a fuga não é mais possível. Àquela altura, o conflito interior aumentou tanto que a pessoa é obrigada por sua própria negligência passada a finalmente cuidar da questão e encarar a si mesma. É assim que funciona a lei cármica. O que muitas vezes vocês acham que é cruel na verdade é a coisa mais benéfica do mundo. Porque se a lei cármica não funcionar de tal maneira que as fugas acabem levando-os a uma situação em que não podem mais fugir, vocês não sairiam nunca do ciclo vicioso. Portanto, a lei cármica é a mais clemente que existe, mesmo se na ocasião, com o pouco que vêem, ela pareça cruel, dura. Mas não é, meus amigos, porque vocês sempre tendem a julgar um quadro imenso com base nos minúsculos detalhes que a sua perspectiva lhes permite. E felizmente ignoram esse grande quadro, mas isso é outra questão. Voltando à sua pergunta, qualquer problema de personalidade, se for sério, fatalmente é produto de muitas evasões e fugas do eu em existências anteriores.

PERGUNTA: Você poderia falar mais sobre o problema do suicídio? De que maneiras e com que efeitos ele se manifesta em espírito, e quais são as consequências, graduadas pelas diferentes motivações e circunstâncias, que levam uma pessoa a praticar esse ato?

RESPOSTA: A motivação para cometer suicídio é o problema básico que já mencionei antes, pelo menos na grande maioria dos casos: fugir das dificuldades que a própria pessoa criou, seja em vidas anteriores ou na vida atual. E isso naturalmente é uma grave violação da lei divina. A pessoa tem que pagar por isso. Há circunstâncias atenuantes, por exemplo, se a pessoa está muito doente e sofre dores atrozes, não tendo mais, portanto, capacidade de pensar. São atenuantes levadas em consideração. Mas isso não significa que aquilo de que se fugiu não precise ser vivido até o fim. A nenhuma pessoa é dada uma carga maior do que ela pode aguentar. A dificuldade é apenas o efeito de uma causa que foi criada pelo eu e que, portanto, precisa ser resolvida e vivida até o fim pelo eu. Quanto mais cedo reconhecerem isso e aprenderem a aceitar emocionalmente esta lei básica, como talvez já aceitem racionalmente, mais saudável será para vocês – e menor o perigo de que, pelo menos emocionalmente, vocês tenham a impressão de que o seu sofrimento poderia ter sido evitado se outras pessoas tivessem agido de maneira diferente ou se a vida tivesse sido mais “gentil”. Portanto, mesmo com atenuantes, o sofrimento que foi evitado precisa ser vivenciado até o fim de outra forma, talvez no mundo dos espíritos, talvez em outra vida terrena. Depende, não é possível generalizar.

A única exceção é a pessoa obcecada. A obsessão, como vocês sabem, é um carma. É verdade que em muitos casos, nas etapas iniciais, a obsessão pode ser combatida até certo ponto. Mas se a pessoa não reunir toda a sua força e concentração, será preciso arcar com esse carma. Quando existe obsessão, o espírito está fora do corpo, e um espírito impuro toma posse do corpo. Nesse caso, o ato do suicídio é atribuído ao espírito que tomou posse, e não ao espírito que, naquele momento, estava impotente e assiste a tudo com muita angústia, sem ter condições de fazer nada. É um sofrimento pelo qual ambos têm que passar, o que mais uma vez é para o bem.

Com relação às consequências, é muito comum – e também nesse caso não podemos generalizar, há exceções – como alguns de vocês viram recentemente, que a pessoa que cometeu suicídio precisará passar por esse ato pela duração que teria sua vida natural, de acordo com o plano, exceto se essa alma for capaz de voltar-se para Deus e repensar as coisas e assumir uma atitude diferente, dispondo-se assim a enfrentar e arcar com os problemas que evitou. Se isso acontecer, o procedimento antes, durante e depois do suicídio, período que como bem podem imaginar é extremamente doloroso, terminará, e a alma em questão será guiada para uma esfera em que terá a oportunidade de enfrentar os problemas que evitou e que poderão ser resolvidos, embora de uma maneira mais difícil do que seria possível se nada disso tivesse ocorrido. Creio que todos sabem que um dos principais fatores da motivação para o suicídio é a vergonha. É muito mais raro uma pessoa cometer suicídio por causa da dor física do que da vergonha. Mesmo que as motivações superficiais pareçam ser diferentes, na maioria dos casos o fator que está por trás é a vergonha. E o que é a vergonha, se não uma forma de orgulho? A pessoa tem vergonha de encarar os outros por causa de alguma coisa que lhe provoca um profundo embaraço. É claro que com frequência a motivação também é a falta de vontade em arcar com as consequências e a dor da vida. E a motivação da vergonha também pertence a essa categoria, porém a fuga da vida pode ter muitas facetas.

Vocês poderão imaginar facilmente que é extremamente raro uma pessoa que está enredada nesse processo de constante repetição do suicídio, revivendo-o muitas vezes, encontrar a força para até mesmo pensar em alguma coisa, quanto mais em mudar a atitude que a levou a esse ato em primeiro lugar, quando seria muito mais fácil introduzir tal mudança de atitude do que no meio dessa horrível experiência. Em menor grau, todos passam pela mesma coisa na vida diária. Quando as coisas vão relativamente bem, é mais fácil voltar-se para Deus, reavaliar a sua atitude do que quando

estão envolvidos em determinados tipos de dor e confusão. Portanto, eu lhes digo, preparem-se para esses tempos de provações, quando não é tão difícil. Num grau infinitamente maior, a alma que cometeu esse ato passa pelo mesmo que vocês passam tantas vezes, ou seja, a incapacidade de pensar em alguma coisa naquele momento. O suicídio provoca um enorme choque em todo o sistema nervoso do ser. Esse choque é tão grande que naquele momento são esquecidas coisas que seriam naturalmente do conhecimento da pessoa fora do estado de choque. A pessoa simplesmente não está de posse de todas as suas faculdades. Portanto, é muito raro que ela consiga sair desse estado antes de se esgotar o tempo. Mas em alguns casos a graça de Deus pode atuar. Talvez um mérito anterior da alma em outra encarnação possa ser usado em situações especiais para liberá-la um pouco mais cedo do que seria possível de acordo com a lei. Esse mérito deveria ser usado em uma encarnação posterior, quando seria benéfico. E agora ele pode ser usado com a finalidade de haver uma libertação mais rápida desse procedimento, e alguns novos méritos precisarão ser conquistados para desfrutar do benefício que foi planejado com esse mérito específico na encarnação em questão. Talvez isso lhes abra um novo panorama, meus amigos. Todos têm muitos méritos conquistados em vidas anteriores ou nesta vida, que nem sempre recebem nesta encarnação. Há boas e sábias razões para isso. Chegará um momento em que a utilização desses méritos significará mais para vocês. Da mesma forma, também pode ser verdade que vocês não vivem determinados deméritos agora, que são deixados para um período posterior. Seria difícil demais para vocês agora. Tudo isso é julgado com extrema sabedoria e bondade. Mas com relação aos deméritos que podem estar esperando por vocês, vocês têm a possibilidade de anulá-los nesta vida, se, se empenharem duas vezes mais. Portanto, pode acontecer que uma alma que cometeu suicídio receba um mérito para liberá-la dessa experiência um pouco antes. Ela pode ser liberada em um período anterior em princípio, em certos casos, mas isto jamais significa que ela não tenha que enfrentar e vivenciar até o fim exatamente tudo que ela procurou evitar. Todas as vergonhas, humilhações, a dor da solidão, ou, seja o que for, precisam ser enfrentadas, e sua causa encontrada na personalidade e não fora dela, noção que está na raiz da fuga.

PERGUNTA: Você disse que essa alma é levada para uma esfera onde tem a oportunidade de aprender e vivenciar a experiência. Isso significa que nessas esferas existem tentações semelhantes às da vida? Vamos dizer que a alma tenha praticado roubo ou assassinato, e cometa suicídio, num arrependimento errado. Isso significa que ela pode viver a experiência novamente numa esfera?

ANSWER: Não, ela não pode ser tentada em uma esfera da mesma maneira que na terra. Mas o que ela pode vivenciar no além é encarar seu feito errado. Ela será testada numa encarnação posterior na terra no tocante ao ato de roubo ou assassinato cometido. Essa parte ela terá que aprender na esfera terrestre. Mas a parte de encarar sua reação errada, para aprender o tipo certo de arrependimento, de viver a humilhação e certas consequências, isso ela pode vivenciar numa esfera. Por exemplo, ela encontrará outras pessoas, não as mesmas que teria encontrado na terra, mas isso não importa. Elas podem ter as mesmas características daquelas que a pessoa tentou evitar na terra; ela passará por circunstâncias semelhantes para admitir, para pagar de uma certa forma. Ela terá que conviver com isso e aprender a admitir uma culpa e sofrer a humilhação resultante. Tudo isso pode ser aprendido em uma esfera de purificação. É verdade que levará mais tempo do que na terra, mas é possível começar ali e terminar em uma encarnação posterior. Também nessa encarnação posterior ela será levada a circunstâncias semelhantes, para que sofra a mesma tentação que a levou ao crime. Mas isso não tem nada a ver com o suicídio propriamente disso, é um problema diferente.

PERGUNTA: Em outras palavras, esta explicação acaba com a teoria de Freud do impulso da vida e do impulso da morte.

RESPOSTA: Com toda certeza.

PERGUNTA: É um ensinamento errado?

RESPOSTA: É. Talvez eu possa modificar uma coisa. Esse ensinamento pode ser interpretado de uma maneira ligeiramente diferente quando faz sentido. Se traduzirem as palavras vida e morte para o significado espiritual, há uma verdade porque vocês sabem que no eu superior sempre existe o impulso da vida espiritual. E o que é a vida espiritual? – liberdade da violação da lei espiritual. E isso contém uma confirmação para dizer sim a esta vida terrena na qual lhes é dada a possibilidade de cumprir. É a vontade de Deus que vivam a vida ao máximo, no sentido espiritual. Esse impulso se expressa também no apego à vida física. E a morte espiritual está contida no eu inferior, que é atraído magneticamente, magicamente para o mundo da escuridão e nega Deus e suas leis. Nessa tendência reside a negação da vida, da espiritual e também física. Quando negam as leis da vida, essa negação contém o desejo de morte, como uma espécie de subproduto. O desejo de morte nem sempre se manifesta com tanta força a ponto de levar ao suicídio. Em grau menor, ele é encontrado em toda negação do que a vida lhes traz e exige.

PERGUNTA: Eu gostaria muito de saber o que aconteceu com um amigo meu que se suicidou.

RESPOSTA: Preciso de um pouco de tempo para ver se consigo a informação agora. Caso contrário vou pedir que você repita a pergunta da próxima vez, mas vou ver. Preciso de um pouco de tempo. Sim, consigo obter um quadro que me foi transmitido. Existe nessa pessoa uma deformação psicológica que é muito complicada e não muito comum. Não posso entrar na questão agora, eu preciso de permissão para isso. Seria contra a lei espiritual revelar tudo isso. Só posso dizer que nessa pessoa existem duas tendências em conflito muito fortes – e é curioso, meu querido amigo, muito no sentido em que acabamos de falar. Ou seja, existe uma forte tendência para a vida espiritual e uma tendência igualmente forte para a morte espiritual. Ambas estão muito fortemente desenvolvidas. Elas existem lado a lado, por assim dizer. Nessa medida, não é um fenômeno muito comum. Mas a origem está em muitas encarnações anteriores. Saber tudo isso, o que levou a isso, deixa a questão muito clara e compreensível. Agora ele tem que passar pelo que expliquei. Ele tem que passar por isso tanto mais porque ele tem compreensão espiritual. A prece sempre ajuda. É uma luz que esses infelizes e pobres espíritos – quer tenham cometido suicídio ou sofram de outra forma – sentem como uma espécie de alívio e esperança. Não vou dizer que a prece vá mudar a lei e o destino que eles têm que cumprir. Eles simplesmente têm que passar por isso, coisa que nenhuma prece pode mudar. Mas a prece introduz uma luz momentânea que lhes dá esperança e alívio e que pode até lhes dar um pouco de força para pensarem e se encontrarem. E é por isso que é muito bom orar pelas pobres almas. Nesse sentido, eu gostaria de chamar outra vez a atenção de vocês para uma observação interessante. Eu já lhes disse muitas vezes que todas as religiões contém verdade e erro. Pois bem, vocês sabem que na religião católica a oração pelos espíritos falecidos e infelizes é uma prática comum. Agora vocês vêm como isso tem valor. Isso de fato leva ajuda e luz às almas sofredoras. Por outro lado, vocês sabem que as religiões protestantes aboliram totalmente a prece pelos chamados mortos. Isso também contém uma parcela de verdade, porque se percebeu que a prece não pode mudar o que a alma semeou e precisa colher. Portanto, a esse respeito também existe ver-

dade na ideia exatamente oposta. Isso pode lhes dar material para refletir também em relação a muitos outros assuntos, pois diferentes religiões dizem coisas opostas sobre o mesmo assunto. E ambas as opiniões podem conter verdade. Vocês não podem salvar uma alma simplesmente orando por ela. Isso é verdade. Mas podem ajudá-la muito.

E agora, meus amigos, vou deixá-los e voltar para o meu mundo. Recebam a bênção de Deus para o seu corpo, a sua alma e o seu espírito. Fiquem abertos e receptivos a essa bênção que é uma realidade, e não apenas uma figura de linguagem. Vão em paz, fiquem com Deus.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.